

FERNANDO PESSOA

A ESTRADA  
DO ESQUECIMENTO  
E OUTROS CONTOS

*edição e tradução*

ANA MARIA FREITAS

ASSÍRIO & ALVIM



Para quem visse de alto, de um alto absurdo, de uma eminência que ali não havia, ou de um aparelho voador que não passava, a cena era de um pitoresco pintalgado que punha cor e movimento no fim de tarde. Estendiam-se os campos, largos e divididos, até ao muro meio-alto que definia a Quinta da Cruz. Nos campos, irregulares em altitude, espalhavam-se, irregularmente também, as figuras móveis do episódio venatório. Aqui, num pequeno alto, espécie de montículo, o cabo Soares, o guarda, e três ou quatro curiosos, homens, vigiavam o visível incerto e entre si faziam conjecturas sobre o paradeiro do fugitivo. No recorte das figuras contra o céu destacava-se, ao ombro do Soares, o cano seco da carabina. O Soares, o guarda e um dos outros fumavam; os outros pasmavam ao pé deles.

— Está por aqui, disse o guarda. Está por aqui algures. O pior é que a gente não vê quasi nada por estes campos fora. Há estas sebes, e estas coisas todas — aquelas árvores ali, por exemplo — (e apontava para um renque de árvores onde ninguém estava). A caça há-de ser difícil.

O entusiasmo da caça animava todos. O prazer de apanhar a presa, o animal, fazia brilhar num fulgor destituído de egoísmo, um fulgor desportivo, como se hoje diria, os olhos

dos guardas, os dos curiosos, e reflectia-se ingenuamente na expectativa dos rapazes, no pasmo acompanhador das crianças. Toda aquela assembleia dispersa era uma caçada concentrada. E havia em todos uma alegria da busca, uma ânsia do bicho, que os transfigurava. Pareciam todos crianças, brincando ao encontrar de qualquer coisa. O dia maravilhoso, o sol claro, já quasi no ocaso, o azul absoluto do céu, enquadravam aquele movimento todo. A cena visível, se pudesse ser vista de onde se visse toda, era propícia ao intuito de um pintor notável. Tinha frescura, juventude, ânsia, beleza. Se um aspecto de paisagem, se uma conjunção de paisagem com gente, pode ter uma forma, embora ideal e fictícia, figurar-nos-íamos esta, sem erro, uma rapariga sã, jovem no corpo como nas vestes, indo pela tarde para casa sob a bênção do sol e da brisa.

Os caçadores hesitavam. Nada se movia, directa ou indirectamente, em parte alguma. Mas o homem devia estar por ali... Assim o dizia o cabo Soares, acendendo novo cigarro. E até ao acender o cigarro, não fixava demasiado a vista no acendê-lo. Os olhos não deixavam a extensão dos campos, e brilhavam-lhe através do fumo maior quando o cigarro acabava de ser acendido. Mas, do pequeno alto onde estavam, nada se via...

— O tipo não está armado, ó sr. Soares? perguntou o sacristão.

— Não deve estar. Porquê?

— É que, se não está armado, podiam os pequenos ir procurar aqui e acolá, e cocar onde ele está.

Virou-se para os pequenos.